JORNADA PEDAGÓGICA

DESCOBRIR TOMAR

(Curto resumo do dia)

O SPGL promoveu mais uma atividade, integrada no programa de “Jornadas Pedagógicas 2015”. A Jornada nº13, com o título “Descobrir Tomar”, realizou-se no dia 14 de março, com partida de Stª Apolónia, em comboio regional.

Na estação de Tomar fomos recebidos pela guia local, tendo realizado uma visita pedonal ao Centro Histórico; ao Museu dos Fósforos, com uma colecção de cerca de quarenta mil embalagens de fósforos de quase todos os países do mundo; Olaria, com exposição e venda de artigos diversos executados por artistas; Sinagoga, instalada na antiga judiaria, no centro histórico da cidade. É um dos templos judaicos mais antigos de Portugal. Foi construída em meados do século XV e alberga, atualmente, o museu Abraão Zacuto; Igreja de S. J. Batista e Núcleo de Arte Contemporânea e a Igreja de Stª Maria do Olival.

A Sinagoga de Tomar não tem comunidade. Há só duas famílias judias. Para haver culto tem de haver dez homens. Tem uma arca da aliança, oferecida por uma família de Londres. Há um sistema de amplificação de som, composto por oito bilhas de barro invertidas, para fazer de caixa de ressonância, dado que há 500 anos não havia microfones. Todos os homens que entram em qualquer Sinagoga têm que cobrir a cabeça, ou com o próprio chapéu, ou com um *quipá*. A sala que visitámos é só para homens, por isso as mulheres não se cobrem.

A seguir a um almoço de cariz regional, com ementa típica, no Restaurante Infante, visitámos os seguintes locais, no “Tomar Trem”:

Aqueduto dos Pegões; Castelo dos Templários e Convento de Cristo.

Tomar fica nos “Caminhos de Santiago”. Há uma porta que tem o nome de “Porta de Santiago” por isso os peregrinos ficavam uma noite no Convento seguindo, no dia seguinte, para o resto da caminhada. O Castelo foi iniciado no dia 1 de março de 1160, a pedido de D. Afonso Henriques. Há uma parede inclinada chamada *alambor*, feita de propósito, para dificultar a subida do inimigo. É uma técnica de construção civil trazida de Jerusalém e do norte de África, pelos mouros, e que os portugueses copiaram. As escadas não se podiam colocar e quando os mouros tentavam escalar, os templários deitavam-lhes azeite a ferver. O núcleo do próprio castelo não pode ser visitado por se encontrar em ruínas.

Visitámos a charola, igreja redonda, do século XII, junta com uma igreja do século XVI. Foi construída na mesma data que o castelo. Vimos também a célebre “Janela do Capítulo”, construída como símbolo de homenagem aos navegadores portugueses. No refeitório dos monges soubemos que as duas grandes mesas têm bancos só na parte de fora para que os frades não fiquem de costas uns com os outros. A parede tem um orifício para os vigiar. Conhecemos os tanques no claustro das lavagens, onde os monges lavavam as roupas, e só as roupas, dado que nunca tomavam banho. Acreditavam que, ao tomarem banho, a água iria tirar a pureza do espírito e a do corpo.

Na cozinha há um forno para cozer o pão só para os monges e um espaço para defumar as carnes, enquanto que, noutro claustro, um forno grande era destinado a cozer pão para o povo.

Outro claustro destinava-se ao lazer dos monges e era chamado claustro dos corvos, nome atribuído, só porque as suas vestes negras faziam lembrar aquelas aves negras.

Regressámos ao Centro Histórico donde partimos, no Tomar Trem, para a estação de Tomar, onde o comboio regional nos esperava para o regresso a Lisboa.

\*\*\*\*\*\*\*\*\*\*\*\*\*\*\*\*\*\*\*\*\*\*\*\*\*\*\*\*\*\*\*\*\*\*\*\*\*\*\*\*\*\*\*\*\*\*\*\*\*\*\*\*\*\*\*\*\*\*\*\*\*\*\*\*\*\*\*\*\*\*\*\*\*\*\*\*\*\*\*\*\*

Março de 2015

Fernando Costa – Cascais